

Mercados crescem e os negócios aparecem

Um dos mais conceituados economistas da nova geração, Ricardo Amorim fala sobre conjuntura e analisa tendências

Ele previu a crise financeira global de 2008 e 2009 e antecipou o descolamento de China, Índia e Brasil dos efeitos que encurtaram crédito e apertaram as contas mundiais. Voz jovem da economia nacional, Ricardo Amorim é um dos apresentadores do programa de televisão Manhattan Connection da GNT, colunista da revista IstoÉ, comentarista na Rádio Eldorado FM e presidente da Ricam Consultoria. Ao ser convidado pelo jornal Novo Varejo para falar sobre os rumos da economia e comércio nacional e internacional, inclusive em autopeças, Amorim imediatamente mostrou que conhece do assunto e dividiu suas ideias com a mesma clareza que demonstra em suas criativas palestras. Formado em economia pela Universidade de São Paulo, pós-graduado em Administração e Finanças Internacionais pela Escola Superior de Ciências Econômicas e Comerciais de Paris, ele também é membro do Business Affairs Com-

mittee da Câmara Americana de Comércio de São Paulo. Em suas andanças por mais de 60 países, foi diretor executivo e estrategista para Mercados Emergentes do Banco Alemão WestLB e o francês BNP Paribas, diretor de Estratégia de Investimentos para a América Latina da consultoria de investimento IDEAGlobal e C.E.O da Concórdia Asset Management, no Brasil.

Novo Varejo – Até que ponto a queda acentuada do dólar pode resultar em nova instabilidade na economia mundial?

Ricardo Amorim – Queda acentuada do dólar é inevitável e parte da solução dos desequilíbrios da economia atual. Como os consumidores americanos estão endividados, sem acesso a crédito e sem empregos, consumirão muito menos nos próximos anos do que antes da crise. A única forma da economia americana se recuperar é através de maiores exportações. Para isso, os custos de produção nos EUA

terão de cair e o dólar terá de continuar a se desvalorizar em relação às demais moedas. Para que os produtos americanos fiquem mais competitivos no exterior, o dólar terá de continuar a cair.

NV – As indústrias brasileiras de aço, especificamente a de autopeças, têm condições de acompanhar com fôlego a expansão vertiginosa da indústria automotiva no país? Ou os gargalos devem continuar gerando falta de produtos, como o que ocorreu no primeiro semestre?

RA – Com uma forte e sustentada expansão do crédito, as vendas de imóveis e automóveis continuarão a crescer em ritmo acelerado, gerando forte crescimento da demanda por aço e autopeças. No mundo pós-crise financeira, a demanda nos países emergentes, incluindo o Brasil, crescerá mais do que antes, enquanto nos países

ricos ela não crescerá quase nada. Com isso, as indústrias de autopeças e aço deverão redirecionar suas vendas para o mercado doméstico e demais países emergentes.

NV – Qual a sua análise sobre a balança comercial brasileira até o final do ano? E o que pode ser dito a respeito do setor de autopeças, que enfrenta déficit?

RA – O Brasil sustentará um superávit comercial significativo – apesar de menor do que

no passado – pois as matérias-primas que produz continuarão a ser muito demandadas pelos chineses, sustentando uma elevação de preços. Quanto ao setor de autopeças, acredito que o déficit até crescerá nos próximos anos devido à queda do dólar e maior competição no mercado brasileiro de veículos que, neste ano, já será o quarto maior do mundo.

NV – A China vai continuar nesse ritmo de crescimento?

De que forma a inflação do país pode comprometer sua economia?

RA – O crescimento chinês deve continuar ➤



Certamente a informalidade continuará caindo, não só pelo SPED. O crescimento econômico acelerado incentiva a formalização

em ritmo superior a 8% ao ano nos próximos anos. A inflação por lá esteve em alta nos últimos meses, mas o nível atual de 3% ao ano está longe de ser preocupante.

NV – Mesmo abrigando plantas fabris das grandes companhias mundiais, a China ainda produz e exporta um grande volume de produtos sem licenças e patentes, inclusive cópias. A Organização Mundial do Comércio dispõe de meios para regular a ação?

RA – Os vários mecanismos da OMC não foram capazes de impedir isto até agora e não acredito que serão no futuro próximo.

NV – Depois da crise de 2009, você percebe um bom ritmo de recuperação dos países da Europa e nos Estados Unidos?

RA – A recuperação por lá é e continuará a ser lenta e frágil. Depois de três décadas gastando mais do que ganhavam e se endividando, chegou a hora de americanos e europeus pouparem mais e consumirem menos.

NV – Em 2009 vimos as companhias reduzindo investimento e transferindo receita dos países emergentes para suas matrizes. Esse movimento se mantém nos próximos meses?

RA – Provavelmente sim, porque os resultados por lá continuarão magros.

NV – Você acredita na previsão do Boletim Focus de crescimento do país em 7,20% do PIB em 2010?

RA – Talvez seja até um pouco mais. Mais importante, a média de crescimento das próximas duas ou três décadas deve ser de cerca de 5% ao ano, o dobro das últimas três décadas.

NV – Como você avalia o desempenho do Brasil entre os BRICs?



RA – Dado nosso estágio de desenvolvimento, é natural que crescamos mais do que a Rússia e menos do que a China e a Índia.

NV – O Brasil superou a crise promovendo incentivos ao consumo, e assiste a um crescimento espantoso do crédito. Haverá impactos negativos dessa expansão nos próximos meses?

RA – Forte crescimento de consumo doméstico, mas sem causar nenhum problema sério. Eventuais problemas podem ocorrer daqui a alguns anos, não alguns meses.

NV – Há risco da formação de uma bolha de crédito?

RA – Sim, mas o estouro está muito distante.

NV – Os rendimentos da poupança em 2011 continuarão sendo amplamente procurados como nesse último ano?

RA – Provavelmente, sim.

NV – Há riscos de mudança no mercado financeiro e na economia brasileira para 2011 por conta do término do

mandato do atual governo?

RA – Pequenas mudanças sempre ocorrerão, mas nada que mude a direção da economia brasileira.

NV – Você acredita que é possível de fato realizar uma ampla reforma tributária no Brasil, uma necessidade já tão adiada?

RA – Acho muito improvável. Apesar de muito necessária, a reforma tributária é politicamente complicada de ser feita, exigindo uma dedicação a ela que nenhum dos dois candidatos a presidente mostrou.

NV – O déficit público atingiu patamares nunca vistos, já que esse governo não reduziu gastos, muito pelo contrário. Como o Banco Central lidará com essa questão em 2011? Podemos esperar quedas ou a Selic continuará a subir?

RA – Os gastos públicos cresceram como nunca, mas, na realidade, o déficit público até caiu porque a arrecadação de impostos cresceu ainda mais. Mesmo ajustando para o tamanho de suas economias, o déficit público nos

EUA será cinco vezes maior que no Brasil neste ano. Na Irlanda, ele será 15 vezes maior do que aqui. A Selic não subiu por causa do déficit público, mas porque a demanda no Brasil estava aquecida demais. Como isto já não é mais verdade e a queda do dólar contribuirá para reduzir a inflação, devemos ver a taxa de juros cair aos patamares mais baixos de nossa história nos próximos anos.

NV – Você acredita que há alternativas viáveis para reduzir a carga tributária brasileira que tanto onera o empresariado?

RA – O Simples fez isso. Não apenas reduziu a carga tributária, mas descomplicou a arrecadação de impostos. O Simples deveria ser expandido para mais setores e níveis de faturamento mais altos. No longo prazo, a única forma de reduzir a carga tributária é reduzindo os gastos públicos. Neste sentido, nada é mais importante do que uma profunda reforma na previdência do setor público que reduza muito destes gastos.

NV – O SPED da Receita Federal torna obrigatória a certificação digital e promete acabar com a sonegação fiscal ao cruzar dados eletrônicos no país. Você acredita que a proposta reduzirá a informalidade? Quais impactos a medida pode trazer?

RA – Certamente a informalidade continuará caindo, não só pelo

SPED. O crescimento econômico acelerado incentiva a formalização. Veja o que aconteceu com o setor de construção civil. Ao perceber que o setor cresceria muito, as principais empresas daquele mercado abriram capital na Bolsa para financiar construções. Para isso, tiveram de se formalizar e forçaram seus fornecedores a também se formalizarem.

NV – Em termos de investimentos, ações e fundos são uma opção para o médio e pequeno empresário que busca recursos para capital de giro, por exemplo?

RA – Ações são boas opções de investimentos em longo prazo e quando quem investe tem bom controle sobre seu fluxo de caixa. Como capital de giro é dinheiro de curto prazo, é melhor investi-lo em renda fixa.

NV – Diante do aumento dos juros, quais cuidados você recomenda para empresas que buscam crédito nos agentes bancários? Quais meios de captação de recursos podem desonerar o pequeno varejista em busca de investimentos?

RA – O BNDES nunca ofereceu tanto financiamento e nunca tão barato. Verifique com seu banco se você se encaixa em alguma das muitas linhas de financiamento do BNDES. ●

MAIS INFORMAÇÕES

RICAM Consultoria Empresarial
www.ricamconsultoria.com.br
m.eugenia@ricamconsultoria.com.br

Quanto ao setor de autopeças, acredito que o déficit até crescerá nos próximos anos devido à queda do dólar e maior competição no mercado brasileiro

